

Festividades de Congo e Folia de Reis na Serra: Comunidades de Re-Existências na Formação Docente

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.14>

Aldieris Braz Amorim Caprini

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-0431-4691>
aldieris@hotmail.com

Nadia Juliana Rodrigues Serafim

Secretaria de Educação da Serra, Serra, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-2933-3848>
nadia.serafim@edu.serra.es.gov.br

Martanézia Rodrigues Paganini

Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-5689-5507>
martanezia.ifes@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é demonstrar, com base em uma pesquisa realizada na cidade de Serra, Espírito Santo, Brasil, que as vivências culturais demonstradas na Folia de Reis e no soar dos tambores do Congo, na comunidade de Nova Almeida, apresentam-se como expressões da cultura de nossos ancestrais indígenas e africanos. Estas festividades persistem, não obstante toda imposição da cultura eurocêntrica que vem invisibilizando as contribuições ameríndias e afro-brasileiras. Esse contexto perpassa a formação inicial e contínua de professores, que ainda recebem influência desses “modelos culturais”. Como consequência, observamos que as culturas dos povos tradicionais são pouco reconhecidas em nossas escolas. Nestas percepções, propusemos perscrutar as vozes dos produtores de cultura em Nova Almeida, aproximando suas interlocuções junto aos processos formativos com professores locais, onde fomentamos a desconstrução de estereótipos. Os estudos demonstraram que a

continuidade desses rituais festivos sinaliza o caráter de identidades em re-existência aos estigmas construídos pelo processo de colonização. Para efetuar tais constatações, amparamo-nos na metodologia da pesquisa participante em Paulo Freire (1987) e Carlos Brandão (1987). Ademais, incentivamos na formação continuada com docentes novas práxis voltadas para esses patrimônios culturais e ao ensino das relações étnicas na escola, na oportunidade, forjamos um material educativo.

Palavras-Chave

Congo, Folia de Reis, formação docente, diversidade étnico-racial

Ô Tindolelê, ô Tindolalá, Deixa a Caixa Batê, Deixa o Congo Rolar: Desvelando Patrimônios Culturais na Serra

Este trabalho é fruto de um estudo realizado a partir de uma pesquisa de mestrado (Serafim, 2020) em ensino de humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Nessa pesquisa, expomos as interconexões entre as produções culturais nas festividades da Serra com a formação continuada de professores atuantes na cidade. O trabalho foi burilado a partir de algumas estimativas em relação à raridade de trabalhos com patrimônio cultural de origem popular nas escolas da cidade, e a consequente desvalorização dessas culturas, que engendram em sua essência traços das culturas indígenas e afro-brasileiras. Essa realidade descortina uma adversidade sócio-histórica brasileira, referente aos preconceitos étnicos e culturais voltados para essas origens, que ainda persiste nos ambientes educacionais. Diante dessas questões, indagamo-nos: quais as constituições e re-existências das culturas do Congo e Folia de Reis em Nova Almeida, Serra? Na formação inicial e continuada de professores têm sido consideradas temáticas voltadas para história e patrimônios culturais dos povos de matriz africana e indígena, perspectivando uma educação pela valorização das relações étnicas e culturais?

Neste sentido, realizamos um longo percurso de pesquisa de campo com pessoas da comunidade de Nova Almeida, participantes do Congo e da Folia de Reis, e com professores das escolas do município. Assim, fomos adentrando esse universo por meio de teóricos como: Munanga (2005), Abreu (2014), Arantes (2009), Brandão (1987, 2009), Canclini (1999) e Gomes (2002). Nosso principal propósito foi investigar os movimentos do patrimônio cultural imaterial da Serra, a partir das festividades do Congo e da Folia de Reis, alicerçando nesses estudos a formação continuada com professores do município, fomentando um trabalho pela valorização cultural e reafirmação das identidades e pertencimentos étnico-raciais.

Com base na metodologia de pesquisa participante de Paulo Freire (1987) e Carlos Rodrigues Brandão e Maristela Correa Borges (2007) fomos a campo no início do verão, de dezembro de 2018 até dezembro de 2019, onde vivenciamos a pesquisa com os produtores das culturas Congo e Folia de Reis em Nova Almeida, e, posteriormente,

com professores locais, no centro de formação de professores da Secretaria de Educação da Serra, por meio de um curso de extensão. Nessa dialógica, constatamos pelas narrativas que essas culturas se constituem e se reinventam pelo esforço de seus atores sociais, do coletivo de sua comunidade, que enfrentam em seu cotidiano diversos preconceitos, além de raros ou inexistentes incentivos do poder público.

Na formação continuada com professores foi possível afirmar algumas problemáticas levantadas, como as raras abordagens desses patrimônios culturais nas escolas e a presença de preconceitos relacionados à cultura popular, sobretudo de origem afro-brasileira. Como resultado desse movimento, foi possível a produção de um ebook, integrando a trajetória de análise do Congo e Folia de Reis na formação continuada de professores. Usamos pseudônimos voltados para as temáticas culturais para expor aqui algumas narrativas dos sujeitos do estudo, resguardando as suas verdadeiras identidades conforme os princípios éticos da pesquisa.

Que Soem e Ressoem os Tambores: Festividades de Congo e Folia de Reis na Comunidade de Nova Almeida

A cidade da Serra fica na região metropolitana do Espírito Santo, e foi explicitamente constituída pela diversidade cultural e étnica, assim como outras cidades do estado. O município originou-se a partir de aldeamentos jesuíticos no período colonial, sendo povoado nesse período principalmente por indígenas e africanos, que, historicamente, tiveram suas vidas atravessadas pelas arbitrariedades do sistema escravista, trazido pelos europeus no século XVI, vigente até o final do século XIX no Brasil. Contudo, foram inúmeras as formas de re-existências construídas por esses povos, ressaltamos as culturas afro-brasileiras e ameríndias como fortes características desse movimento (Maciel, 2016). Os patrimônios culturais da Serra são notoriamente originados nessas culturas.

Na Serra, a maior parte das festividades do Congo se concentram entre dezembro e janeiro, havendo apresentações em vários locais, como nos bairros Serra Sede e Nova Almeida, este último, foi nosso recorte local para análise da cultura imaterial. Quanto à Folia de Reis, essa possui um calendário atrelado às festividades natalinas, por isso, ocorre nesse mesmo período do ano.

A grande extensão e diversidade natural, cultural e étnica da Serra dá às suas inúmeras regiões e bairros um caráter peculiar. Nova Almeida é um desses lugares, em que visualizamos traços singulares; por lá, as características cidadinas ainda não submergiram completamente o “ar” vilanesco desse antigo recanto da Serra. Cercada por exuberâncias naturais manifestadas em suas falésias, rio e mar, Nova Almeida transita entre ser um bairro periférico da Serra, com todos os problemas urbanos e sociais de uma cidade, e ser um ponto turístico de extrema relevância.

Nova Almeida surge de um aldeamento jesuítico nomeado de Reis Magos no século XVI. O aldeamento foi erguido em uma elevação nas proximidades do rio Reis Magos, a partir da mudança de local de um antigo aldeamento (Aldeia Velha). A localidade

possuía uma forte representatividade, haja vista que ali foi erguido, sob o comando dos jesuítas entre o final desse mesmo século e início do XVII, um conjunto composto por igreja e residência, chamado de “Reis Magos”.

Outra demonstração de seu vulto está no grande número de indígenas, presentes desde a fundação do local, e posteriormente de povos africanos e afrodescendentes (Moreira, 2017).

É justamente nesse espaço/lugar surpreendente que ressoam os sons e as vozes dos sujeitos em suas culturas e resistências, por isso, priorizamos dois de seus elementos culturais para o estudo do patrimônio cultural imaterial da Serra.

“Eu acompanho o Congo por muito tempo, eu tenho paixão pelo Congo” (Cultivo, entrevista, 12 de dezembro de 2018).

Ao nosso olhar, as culturas do Congo e da Folia de Reis em Nova Almeida resistem justamente pela “paixão” transcendente das gentes que lhes compõem, gentes que se engendram no chão dos territórios culturais, que mesmo nos embates expelidos pela desvalorização e preconceitos relacionados ao patrimônio cultural popular, insistem agarrados à “corda” e ao “mastro”.

Não podemos deixar de dizer aqui que o Congo e a Folia de Reis em Nova Almeida se implicam enquanto culturas, ocorrendo em um mesmo período do ano, entre os dias 25 de dezembro, 6 e 20 de janeiro. No dia 6 janeiro, em especial, no Congo, ocorre o ritual de derrubada/cortada do mastro, que segue em cortejo para um local onde ficará guardado para outros momentos da festa do Congo. Nessa mesma data, na Folia de Reis, os componentes se apresentam na igreja e nas casas, havendo atuações de participantes da Folia de Reis no Congo, e vice-versa. Todo esse processo, que ocorre no entorno da igreja matriz de Reis Magos, pode parecer simples, mas visto de perto, demonstra em seus sujeitos que há uma linha muito tênue entre essas duas representações da cultura popular da Serra.

O Congo de Nova Almeida no século XX teve como principal mestre fundador Nelson Ramos. Seu legado foi seguido por seu aprendiz, mestre José Bento, principal nome no processo de revitalização do Congo e da Folia de Reis, no início dos anos 2000, especialmente o congo mirim, do qual fora fundador.

Na atualidade, o Congo de Nova Almeida está sendo coordenado por duas mulheres. Assinalamos esta característica como relevante, tendo em vista que a dinâmica do patriarcado historicamente legou as mulheres a um lugar secundário nas diversas áreas de nossa sociedade. Mesmo com a intensa participação feminina nessas culturas, é raro vê-las em posição de destaque, por isso, abrimos esse parêntese para sinalizar a importância do papel feminino nas resistências das culturas populares no Brasil. Recordamos que dados da década de 1970 registrados no *Atlas Folclórico do Brasil – Espírito Santo* (Instituto Nacional do Folclore, 1982) também citam algumas raras lideranças femininas.

As festividades do Congo são marcadas por alguns momentos chaves, ocorrendo em diferentes datas entre dezembro e janeiro, tendo o desfecho no final da chamada

“Quaresma”, ritual católico que compreende um período de 40 dias após a quarta-feira de cinzas. Os movimentos do Congo em Nova Almeida, assim como em outros locais da Serra, irão ser gerados a partir da historicidade negra, fazendo alusão à tradicional história do naufrágio de um navio negreiro na costa de Nova Almeida. Nesse episódio, os negros teriam se salvado segurando em um mastro, clamando pelo santo preto São Benedito. Na realidade, africanos e afro-brasileiros, em condição de escravidão, irão ter nessas narrativas e religiosidades a oportunidade de se unir em coletividades, fazendo subsistir nessa diversidade suas histórias, culturas e suas tramas (Souza, 2001). Daí o sentido e importância dessas historicidades, dentro do arcabouço de resistência cultural da negritude serrana.



"No início de janeiro (dia 6), ocorre a cortada do mastro"

*Aldieris Braz Amorim
Caprini, Nadia Juliana
Rodrigues Serafim e
Martanézia Rodrigues
Paganini*

Figura 1
Mastro sendo carregado durante a cortada do mastro, em 6 de janeiro de 2019.
Créditos. Nadia Juliana Rodrigues Serafim.

O grupo de congo (adulto) de Nova Almeida é formado basicamente por cerca de 35 componentes, entre instrumentistas, mestres e rainhas. Nos dias das apresentações, os grupos de congo do entorno também costumam marcar presença, participando da caminhada, como Congo de Jacaraípe, por exemplo. Os momentos do Congo local irão se constituir propriamente em quatro.

"As festividades do Congo são marcadas por alguns momentos chaves"

*Aldieris Braz Amorim
Caprini, Nadia Juliana
Rodrigues Serafim e
Martanézia Rodrigues
Paganini*



Figura 2

Danças do Congo no início do percurso para a fincada do mastro, em 20 de janeiro de 2019. *Créditos. Nadia Juliana Rodrigues Serafim.*



Figura 3
Dançarina do grupo
Congo com estandarte,
em 6 de janeiro de
2019.
Créditos. Nadia Juliana
Rodrigues Serafim.

No início de janeiro (dia 6), ocorre a cortada do mastro, nesse momento o grupo de congo adulto e do congo mirim saem nas ruas que circundam a Igreja Reis Magos, acompanhados de inúmeros populares, carregando o mastro cortado, tocando e cantando músicas tradicionais do Congo (Figura 1 e Figura 2).

As dançadeiras e rainhas apresentam os estandartes em devoção a São Benedito e São Sebastião, santos “guias” do Congo de Nova Almeida (Figura 3).

O som das casacas e dos tambores guiam os movimentos dançantes circulares das dançarinas do Congo, que ostentam o “giro” das saias, contagiando a multidão que as acompanha. Esse primeiro momento termina com a entrega do mastro para ser

guardado na casa de um antigo componente do grupo. Em 19 de janeiro ocorre a escondida do mastro: o mastro é “escondido” em um local, sendo levado somente por alguns participantes do Congo.

“Ô tindolelê ô tindolalá/ Deixa a caixa batê/ Deixa o Congo rolar” (Banda de congo Jovens dos Reis Magos de Nova Almeida, 2003).

“Quando você vê a casaca e o tambor tocando, você sai pulando sem querer” (Semente, entrevista, 27 de dezembro de 2018).

“O terceiro momento, que ocorre no dia 20 de janeiro, vem a ser a culminância da cultura congueira de Nova Almeida”

*Aldieris Braz Amorim
Caprini, Nadia Juliana
Rodrigues Serafim e
Martanêzia Rodrigues
Paganini*



Figura 4

Populares puxando o barco com a corda, em 20 de janeiro de 2019. *Créditos. Nadia Juliana Rodrigues Serafim*



Figura 5
Barco sendo carregado durante a fincada do mastro, em 30 de janeiro de 2019.
Créditos. Nadia Juliana Rodrigues Serafim

O terceiro momento, que ocorre no dia 20 de janeiro, vem a ser a culminância da cultura congueira de Nova Almeida, onde acontece a fincada do mastro em frente à igreja matriz. Nesse dia, os componentes do grupo adulto e mirim do congo saem às ruas novamente, dessa vez para uma caminhada mais longa. Agora além do mastro e estandartes dos santos, temos mais um elemento central, um barco, em homenagem a São Benedito e São Sebastião, que é carregado exaustivamente pelos populares, apenas com auxílio de rodas e uma corda (Figura 4).

“Eu gosto do Congo desde pequena, é uma terapia para mim, acho que é minha vida” (Semente, entrevista, 27 de dezembro de 2018).

O barco é movido da frente da igreja, ladeira abaixo, circulando pelas principais vias do bairro, acompanhado pelos batuques e vozes das gentes do Congo, e por uma multidão de populares. Ao fim de uma caminhada de mais de 3 horas, o mastro é fincado em frente à igreja matriz (Figura 5).

O ciclo festivo do Congo se fecha em um quarto momento, com a retirada do mastro, após a Quaresma, no sábado de aleluia, que não possui data fixa. Salientamos que embora possua certa religiosidade em sua essência, sendo híbrido em suas manifestações, o Congo de Nova Almeida demonstra estar mais ligado às tradições culturais do lazer, da dança e da diversão, embora resguarde em seu interior características das religiões de matriz africana e do catolicismo.

“Eu não vejo ninguém de vela acesa fazendo oração, como acontece no Congo de Serra Sede” (Cultivo, entrevista, 12 de dezembro de 2018).

Um dia eu estava dançando congo, com meu vestido e com a bandeira, de repente apareceu um senhor e fez reverência para mim me pedindo a bênção, acho que ele pensou que eu era mãe de santo, achei bonito, fiquei muito emocionada com aquilo, prontamente eu dei a minha bênção para ele. (Cultivo, entrevista, 12 de dezembro de 2018)

Embora a cultura do Congo e da Folia de Reis possua um grande vulto enquanto patrimônio cultural do município, seus participantes enfrentam grandes adversidades. Encaram problemas como: desvalorização cultural, escassos investimentos governamentais e preconceitos relacionados à cultura afro-brasileira, proveniente de moradores, autoridades públicas e até mesmo da comunidade escolar. Essas questões ocorrem devido a uma série de problemas que circundam as relações étnicas e raciais brasileiras como já expusemos neste texto. Constatamos essas informações nos diálogos com a comunidade, mas os estudos teóricos realizados dão conta de que essa realidade se repete Brasil afora.

“Teve um que estava quase desistindo porque falaram com ele que era macumba (...). Eu observo que os professores não são chegados ao Congo, é uma coisa séria para manter esse Congo aqui” (Cultivo, entrevista, 12 de dezembro de 2018).

Existe algo que não podemos deixar de expor: o uso desses patrimônios culturais pelos poderes públicos apenas com interesses políticos e econômicos, quando são usados apenas como atrativo turístico, mascarando as realidades de desigualdades sociais que assolam os sujeitos que compõem esses patrimônios, assim como a falta de investimentos públicos na essência dessas culturas (Canclini, 1999). Em Nova Almeida, observamos esse contexto, sobretudo nas apresentações de Congo e Folia de Reis em 6 de janeiro, data em que também se comemora a fundação do local.

Nesse período, a administração municipal investe de forma maciça em propagandas e shows, deixando a desejar os investimentos relacionados aos patrimônios culturais que nomeiam as festividades, que sobrevivem principalmente de doações e investimentos pessoais de seus participantes. Esse contexto emergiu nas entrelinhas de nossos diálogos com moradores do bairro. A pesquisa de Ubirajara Nascimento (2014), que investigou junto aos moradores de Nova Almeida, sobre as políticas públicas municipais relacionadas ao ciclo festivo do bairro, também confirma essa situação:

interessante destacar que houve casos de entrevistados que disseram que as atividades relacionadas ao ciclo folclórico tem carência de recursos financeiros, onde há casos de indivíduos que direcionam parte de sua renda para a manutenção de algumas atividades. (...) O ideal é que as manifestações e ações afetas ao patrimônio material e imaterial da comunidade de Nova Almeida fossem sustentáveis, de maneira a poder perpetuar sua existência. (p.70)

Nascimento (2014) nos aponta outro problema relacionado ao ciclo cultural e religioso de Nova Almeida: a falta de autonomia dos participantes e moradores do bairro na gestão dessas culturas. Fora visto em sua investigação que os movimentos culturais, por vezes, são direcionados por forças governamentais. Como exemplo, o autor cita a mudança de data da comemoração da Festa de São Benedito, de dezembro

para janeiro. Essas e outras ações acabam deixando à margem seus principais atores sociais, os sujeitos dos saberes e fazeres culturais.

Concordamos com Nascimento (2014) quanto a uma emancipação cultural que venha a partir do empoderamento social dos sujeitos que compõem essas culturas, por meio do fomento a uma consciência crítica. Possibilitando dessa forma que os sujeitos possam de forma coletiva transcender as imposições e pressões externas, e ratificamos esse posicionamento com as palavras de Brandão (2009):

não devemos duvidar de que sempre “algo pode ser feito pelas nossas culturas populares”. Mas, desde que de dentro para fora. Desde que deixadas as decisões sobre o acontecer de uma cultura própria nas mãos de seus criadores, usuários locais e atores do que criam e colocam “em cena” para si mesmos e para os outros. Os “seus outros” e os “nossos outros”. (p. 742)

Falando agora sobre outra importante cultura imaterial de Nova Almeida, trazemos a Folia de Reis para “cena”. Sabemos ser secular a Folia de Reis que ocorre por ali, entretanto temos poucas comprovações documentais dessa subsistência. Antigos moradores, com mais de 60 anos de idade, relatam conhecer essa expressão cultural desde criança. Lembrando que os processos culturais imateriais subsistem principalmente pela cultura oral, sendo transmitidos pelos que possuem mais idade ao longo das gerações. Entretanto, tanto o Congo como a Folia não possuem um percurso linear em sua existência, se reconfigurando de tempos em tempos.

Podemos captar essa inconstância na obra de Moura (2006) que versa sobre Nova Almeida. Vejamos o que o escrito afirma sobre a implantação de uma Folia de Reis no local nos primeiros anos do século XXI:

Afonso Furtado, que depois se tornou amigo de Zé Bento (liderança do Congo-Mirim em Nova Almeida), era apenas mais um visitante da Igreja e Residência dos Reis Magos, que Zé Bento sempre protegeu, quando lançou-lhe um desafio. “Como uma igreja dedicada aos Reis Magos não tem uma Folia de Reis?” Zé Bento, juntamente com a família, e ainda Baiana, Maria Joaquina, Dorzila, Dona Dília, Nely, Marlete Pinheiro, Roberto Augusto dentre outras pessoas, aceitaram o desafio e fundaram a Folia de Reis de Nova Almeida há seis anos. (p. 31)

A Folia de Reis vai estar mais ligada aos aspectos religiosos do catolicismo popular, contudo preserva traços da cultura afro-brasileira, observamos alguns deles, seja nos “movimentos dançantes” ou nos “sons manhosos” das vozes que rezam e cantam toadas. Além disso, as culturas se mostram híbridas, seus contornos são observados nos intercâmbios entre participantes do Congo e da Folia de Reis.

“Gosto da Folia de Reis, é como uma família pra gente, nós somos uma família” (Saber, entrevista, 8 de maio de 2019).

A Folia de Reis local possui cerca de 15 componentes entre tocadores de violão, triângulo, sanfona, reis (três) e rainhas, e não possui o personagem “palhaço”. Os foliões se reúnem no dia 6 de janeiro, do lado de fora da igreja, fazendo prévias entre si, ensaiando as toadas populares e rezas, enquanto dentro da igreja ocorre uma

missa. O pano de fundo vem da tradição histórica cristã, dos três reis magos, no episódio em que presenteiam e anunciam o nascimento do Cristo (Figura 6).

O primeiro momento ocorre com a entrada do grupo de foliões na igreja no final da missa. Uma pequena parte das pessoas vai embora, mas a maioria permanece dentro da igreja para receber os foliões, que entram, tendo à frente a rainha com o estandarte e os três reis, representando os reis magos. O grupo adentra a igreja cantando e tocando: “ai, andar andei!/ Ai, como eu andei!/ E aprendi a nova lei:/ alegria em nome da rainha./ E folia em nome de rei” (Rodrigues & Anísio, paras. 1–5; Figura 7 e Figura 8).

Após breve apresentação na igreja, os foliões saem na mesma “formação”, tocando e cantando, acompanhados pelo povo, em direção à praça central. Nesse local fica o palco central para exibição de shows, em comemoração à fundação do bairro, foliões se apresentam e são apresentados brevemente nesse palco. Logo a seguir, cantam os “parabéns” homenageando a fundação do local, em uma espécie de “momento cívico”.

Após o momento no palco, o grupo segue para as casas, com rezas e cantos; parte do percurso é feito de carro, devido à distância de algumas casas e da idade avançada de alguns componentes. Nas casas (escolhidas previamente), são distribuídos lanches e bebidas aos foliões, como uma espécie de oferta, se diferenciando das doações em espécie (destinadas à manutenção do grupo, à igreja ou comunidade), que eram realizadas pelos moradores nas antigas apresentações.

“A Folia de Reis local possui cerca de 15 componentes”

*Aldieris Braz Amorim
Caprini, Nadia Juliana
Rodrigues Serafim e
Martanézia Rodrigues
Paganini*



Figura 6
Componentes da Folia de Reis se reunindo, em 6 de janeiro de 2019.
Créditos. Nadia Juliana Rodrigues Serafim



Figura 7
Entrada do grupo de Folia de Reis na igreja, em 6 de janeiro de 2019.
Créditos. Nadia Juliana Rodrigues Serafim

Santos Reis aqui chegaram, ai, ai

Cansados de viajar, ai, ai

Santos reis pedem justiça, ai, ai/ aos que governam a nação ai, ai

Porquê existem cofres cheios, ai/e há marmitas sem feijão, ai, ai

Santos reis vão despedindo-se ai, ai/ mas prometem aqui voltar ai, ai

Juntos com Jesus menino, ai. (Coral Palestrina de Curitiba, 2020)



Figura 8
Entrada do grupo de Folia de Reis na igreja, em 6 de janeiro de 2019.
Créditos. Nadia Juliana Rodrigues Serafim.

Alguns trechos da canção acima reforçam o caráter de ato político dessas culturas, que demonstram além de uma resiliência cultural e religiosa, uma resiliência social: “existem cofres cheios, ai, e há marmitas sem feijão” (Coral Palestrina de Curitiba, 2020). Fizemos alguns delineamentos das apresentações da Folia de Reis e do Congo para melhor evidenciar o enraizamento desses patrimônios culturais no coletivo serrano, em seus pertencimentos, em suas identidades. Essas expressões nos inclinam a pensar na necessidade que temos de desbravar a essência desses patrimônios, fazendo irromper sua importância enquanto patrimônio calcado na base cultural brasileira. Objetivamos demonstrar que o tema precisa ser considerado dentro de uma educação que perspective valorizar os sujeitos em suas culturas, em sua plenitude humana.

Culturas Imateriais e Relações Étnico-Raciais: O Congo e a Folia de Reis na Trajetória Formativa com Professores na Serra

Para início de nossas análises neste tópico, reafirmamos a importância do fomento de temáticas voltadas para as culturas imateriais, como o Congo e a Folia de Reis, na formação de professores, pelas diversas contribuições que esta abordagem traz para uma educação que perspective emancipar os sujeitos (Freire, 1987). Depreende-se que a participação ativa dos estudantes e docentes nos processos socioculturais, sobretudo de sua comunidade, se estabelece como forma inicial para uma transformação social. Neste encaminhamento fomos perfazendo uma formação continuada que teve a adesão maciça das mulheres, professoras dos anos iniciais da Serra, e ocorreu no centro de formação do município, onde contribuimos com um curso de extensão presencial em 2019 (carga horária 60 horas). No curso desenvolvemos uma proposta formativa coletiva, refletindo sobre as relações étnico-raciais na educação formal, por meio de temas voltados para o patrimônio cultural imaterial local, visando o combate a racismos e preconceitos presentes no cotidiano escolar e a ressignificação das práticas docentes. Elaboramos como culminância da pesquisa um material educativo, constituído por um ebook produzido no âmbito do curso (disponível em Serafim & Caprini, 2021; Figura 9 e Figura 10).

Das vivências e estudos, ecoaram diversas narrativas das professoras, que assim diziam: “Eu fico pra morrer quando falam: fulano não tem cultura (...) cultura, a gente já nasce dentro dela” (Cantoria, entrevista, 26 de outubro de 2019). “É banalizar a cultura daquela região, simplesmente colocam tudo num balaio sacodem e: está aí” (Foliã, entrevista, 26 de outubro de 2019).

“Eu estou aprendendo muito, estou levando para uma turminha de 1.º ano aqui na Serra, vou levar essa experiência para o resto da vida, está sendo maravilhoso” (Rainha, entrevista, 07 de dezembro de 2019).

Eu levantei a importância das técnicas africanas que vieram para cá, aí eu fui valorizando os negros na minha aula, e os meus alunos negros, durante a semana inteira escutei a conversa entre eles, eu no quadro passando dever e ouvindo, tá vendo, foi a gente lá atrás. (Coroa, entrevista, 07 de dezembro de 2019)

No curso, realizamos com as professoras uma experiência de campo em encontro com participantes do Congo e da Folia de Reis na comunidade de Nova Almeida, para uma escuta sensível de suas narrativas, almejando conhecer “mais de perto” sobre as historicidades e peculiaridades desses movimentos culturais.

O encontro ocorreu em um espaço do monumento Reis Magos em Nova Almeida. Em nossa roda de conversa, tivemos a relevante colaboração de moradores do bairro participantes do Congo e da Folia de Reis. Foi uma ocasião valiosa, com desvelamentos das trajetórias dessas culturas, dos enfrentamentos que os sujeitos empreendem para manter essas produções. Além disso, aproximou os diálogos dos produtores

Figura 9

Capa do ebook.

Fonte. De *Cultura Imaterial e Formação Docente: O Congo e a Folia de Reis na Serra-ES*, por N. J. R. Serafim & A. B. A. Caprini, 2021, p. 1. Copyright 2021 de Nadia Juliana Rodrigues Serafim. Reimpresso com autorização de Nadia Juliana Rodrigues Serafim.

**Figura 10**

Índice do ebook.

Fonte. De *Cultura Imaterial e Formação Docente: O Congo e a Folia de Reis na Serra-ES*, por N. J. R. Serafim & A. B. A. Caprini, 2021, p. 1. Copyright 2021 de Nadia Juliana Rodrigues Serafim. Reimpresso com autorização de Nadia Juliana Rodrigues Serafim.



dessas culturas com as narrativas oriundas dos contextos escolares, que emergiram pelas contribuições das professoras presentes. As professoras expuseram os desafios encontrados no contexto escolar, como: os distanciamentos, preconceitos e estereótipos para com as produções culturais de origem popular. Entretanto, também expuseram a relevância da temática para formação dos professores e dos educandos, e a necessidade de enfrentamento desses desafios para a transformação dessas práticas. Do momento emergiram muitas experiências relacionadas aos trabalhos desenvolvidos por essas professoras nas escolas:

ela falou um pouquinho sobre o Congo, sobre a África (...) eles se apresentaram, fizeram trilha sonora do desfile com seus diferentes cantos. Muitos professores não foram, mas o que me deixou mais feliz foi que eu consegui de certa forma alcançar meus objetivos, conseguimos apresentar a turma do Congo. (Cantoria, entrevista, 09 de novembro 2019)

“Ela me ofereceu trabalhar com os instrumentos (...) minha aula foi uma verdadeira festa, quase virou um Congo na minha sala de aula, foi um sucesso” (Coroa, entrevista, 07 de dezembro de 2019).

“Foi o primeiro trabalho que eu fiz na minha vida, que eu senti tanta gratificação em estar fazendo! Eu estou saindo com uma outra postura, pessoal e profissional, uma postura que eu quero que minhas filhas tenham acesso” (Cantoria, entrevista, 07 de dezembro de 2019).

Considerações Finais

Nessa trajetória de incontáveis descobertas, procuramos analisar a cultura imaterial da Serra, pelas festividades do Congo e da Folia de Reis, junto à formação continuada de professores dos anos iniciais no município, priorizando a perspectiva de uma educação para relações étnicas e raciais. Buscamos apontar para a relevância do reconhecimento da cultura imaterial, sobretudo de origem afro-brasileira, para o fortalecimento das memórias e pertencimentos dos sujeitos.

Vislumbramos que o reconhecimento da herança cultural afro-brasileira, presente no Congo e na Folia de Reis, vem possibilitar pela via da diversidade que os indivíduos se fortaleçam em suas identidades e pertencas. Por esses encaminhamentos, buscamos percursos dialógicos com moradores e produtores de culturas em Nova Almeida a fim de conhecer algumas nuances do Congo e da Folia de Reis para empreender um estudo mais enraizado na formação de professores. Em nossas estimativas teóricas, levantamos problemáticas como os preconceitos e a falta de apoio do poder público para com essas culturas. No precioso movimento de escuta dos sujeitos em suas culturas, esses problemas ficaram evidentes. Suas vozes revelaram a existência de preconceitos oriundos de diversos públicos na comunidade, além do descaso do poder público, que raramente oferece um apoio financeiro efetivo, e, por vezes, restringe o espaço de autonomia dos participantes dessas culturas, subvertendo-o por demandas políticas. Todavia, por vozes e gestos, analisamos as (re)existências desses

sujeitos, que mesmo com esses embaraços não abrem mão de seguir com suas produções culturais. Seja nos sorrisos, no girar das saias, nas danças ou nos toques, contemplamos essa vívida disposição ancestral.

Aproximamos, assim, os diálogos da escola com os da cultura serrana, que demonstrou ser notoriamente afro-brasileira. O coletivo de professoras participantes do curso manifestou um vigoroso comprometimento que fez toda diferença para o desenlace dessa pesquisa. As docentes dedicaram, após exaustivas semanas de trabalho, os seus sábados à partilha de conhecimentos e aprendizados. As professoras externaram a persistência de preconceitos e racismos com o público negro, além da desvalorização das culturas oriundas desse público nas escolas da Serra. Nas análises dos depoimentos, notou-se que há um conhecimento superficial da história e cultura afro-brasileira. Esse panorama acaba por gerar um vácuo com essa temática na escola, que, por vezes, é tratada de forma enviesada. Com essa pesquisa e com o material educativo que se originou dela, mais especificamente um ebook tratando sobre a cultura imaterial da Serra na formação de professores, esperamos contribuir para a pluralização de trabalhos, com um patrimônio cultural vivo, resguardado e ressignificado pelos sujeitos.

Referências

- Abreu, R. (2014). Dez anos da Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial: Ressonâncias, apropriações, vigilâncias. *E-Cadernos CES*, (21), 14-32. <https://doi.org/10.4000/eces.1742>
- Arantes, A. (2009). O patrimônio cultural e seus usos: A dimensão urbana. *Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, 4(1), 425-435. <https://doi.org/10.18224/hab.v4.1.2006.425-435>
- Brandão, C. R. (1987). *Festas populares brasileiras*. Prêmio.
- Brandão, C. R. (2009). Vocação de criar: Anotações sobre a cultura e as culturas populares. *Caderno Pesquisa*, 39(138), 715-746. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000300003>
- Brandão, C. R., & Borges, M. C. (2007). A pesquisa participante: Um momento da educação popular. *Revista de Educação Popular*, 6(1), 51-62. <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>
- Banda de Congo Jovens dos Reis Magos de Nova Almeida. (2003). Tindolelê [Música tradicional]. In *Congo - O Canto da Alma - Vol. I*. ABC-Serra.
- Canclini, N. (1999). *Culturas híbridas: Estratégia para entrar e sair da modernidade*. Editora da Universidade de São Paulo.
- Coral Palestrina de Curitiba. (2020). Visita dos Santos Reis [Música tradicional]. In *Natal de Jesus*. Paulinas-COMEP.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17ª ed.). Paz e Terra.
- Gomes, N., & Silva, P. (Eds.). (2002). *Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. Autêntica.
- Instituto Nacional do Folclore. (1982). *Atlas folclórico do Brasil: Artesanato, danças e folguedos - Espírito Santo*. Funarte.
- Maciel, C. (2016). *Negros no Espírito Santo* (2ª ed.). Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Moreira, V. (2017). *Espírito Santo indígena: Conquista, trabalho, territorialidade e autogoverno dos índios, 1798-1860*. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Moura, A. (2006). *Nova Almeida*. Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer.

Munanga, K. (2005). *Superando o racismo na escola* (2ª ed.). Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

Rodrigues, A., & Anísio, C. (s.d.). *Folia de Rei – Baiano e os Novos Caetanos*. Letras. Retirado a 21 de maio de 2019 de <https://www.letras.mus.br/baiano-os-novos-caetanos/1272051/>

Nascimento, U. (2014). *Impactos das políticas públicas municipais de cultura sobre o ciclo folclórico religioso da comunidade de Nova Almeida, Serra/ES, a partir da década de 1990* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória].

Serafim, N.J. R (2020). *Cultura imaterial e diversidade étnico-racial da Serra na formação docente: Pelos caminhos do Congo e da Folia de Reis* [Dissertação de mestrado, Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Espírito Santo-Vitória]

Serafim, N. J. R., & Caprini, A. B. A. (2021). *Cultura imaterial e formação docente: O Congo e a Folia de Reis na Serra-Es*. Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Espírito Santo. https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/612/PRODUTO_EDUCACIONAL_Cultura_Imaterial_Forma%c3%a7%c3%a3o_Docente.pdf?sequence=9&isAllowed=y

Souza, M. (2001). História, mito e identidade nas festas de reis negros no Brasil – Séculos XVIII e XIX. In I. Jancsó & I. Kantor (Eds.), *Festa: Cultura e sociabilidade na América portuguesa* (pp. 249–260). Hucitec; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.